

Uso e Aplicação

William Perkins

Aplicação é a pele pela qual a doutrina que está sendo adequadamente retirada da Escritura é exposta de modo a adequar-se às circunstâncias do lugar, do tempo, e das pessoas na congregação. Esta é a abordagem bíblica para a exposição: “Eu mesmo apascentarei as minhas ovelhas, e eu as farei repousar,” diz o Senhor Deus. “A perdida buscarei, e a desgarrada tornarei a trazer; a quebrada ligarei, e a enferma fortalecerei” (Ez. 34:15, 16). “E apiedai-vos de alguns que estão na dúvida, e salvai-os, arrebatando-os do fogo” (Judas 22, 23).

O princípio básico na aplicação é conhecer se a passagem é uma afirmação da lei ou do evangelho. Porque quando a Palavra é pregada, a lei e o evangelho operam diferentemente. A lei expõe a enfermidade do pecado, e como efeito colateral o espicaça e revolve. Mas não providencia nenhum remédio para ele. Entretanto o evangelho não só nos ensina o que deve ser feito, ele tem também o poder do Espírito Santo consigo. Quando somos regenerados por ele recebemos a força que necessitamos tanto para crer no evangelho como para fazer o que ele ordena. A lei é, portanto, vem antes na ordem do ensino; então vem o evangelho.

Uma afirmação da lei indica a necessidade da justiça inerente perfeita, da vida eterna dada através das obras da lei, dos pecados que são contrários à lei e da maldição de que são merecedores. “Pois todos quanto estão debaixo das obras da lei estão sob maldição; pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para cumpri-las.’ Mas é evidente que ninguém é justificado pela lei perante Deus, pois o justo viverá por fé ” (Gl. 3:10). “Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira vindoura... E já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo” (Mt. 3:7, 10). Por contraste, uma afirmação do evangelho fala de Cristo e seus benefícios, e da fé sendo frutífera nas boas obras. Por exemplo: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, para que todo aquele que nele crer não pereça mas tenha vida eterna” (João 3:16).

Por esta razão muitas afirmações que parecem relacionadas à lei devem, à luz de Cristo, ser entendidas não legalmente mas como qualificadas pelo evangelho. “Bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a observam!” (Lucas 11:28). “Porque este mandamento, que eu hoje te ordeno, não te é difícil demais, nem tampouco está longe de ti... Mas a palavra está mui perto de ti, na tua boca, e no teu coração, para a cumprires.” (Dt. 30:11, 14). Essa mesma sentença que é legal no caráter de Moisés, é evangélica no caráter de Paulo (Rm. 10:8). “Bem-aventurados os que trilham com integridade o seu caminho, os que andam na lei do Senhor! Bem-aventurados os que guardam o seus testemunhos, que o buscam de todo o coração!” (Sl. 119:1, 2). “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai... Se alguém me amar, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada.” (João 14:21, 23). “Noé era homem justo e perfeito em suas gerações, e anda com Deus” (Gn. 6:9). “Eu sou o Todo-Poderoso; anda em minha presença e sê perfeito” (Gn. 17:1).

Há basicamente sete maneiras nas quais a aplicação deve ser feita, de acordo com sete condições espirituais diferentes.

Categorias de Ouvintes

1. Aqueles que são incrédulos são tanto ignorantes quanto obstinados. Esses devem antes de qualquer coisa ser preparados para receber a doutrina da Palavra. Jeosafá enviou os Levitas pelas cidades de Judá para ensinar o povo, e apartá-los da idolatria (2 Cr. 17:9). Essa preparação deve ser em parte pela discussão ou sondagem com eles, a fim de tornarem-se vigilantes de sua atitude e disposição, e em parte pela reprovação de qualquer pecado evidente, para que suas consciências possam ser despertadas e tocadas com temor e eles possam tornar-se ensináveis (veja Atos 9:3-5; 16:27-31; 17:17; 17:22-24).

Então para que haja alguma esperança de que eles se tornem ensináveis e preparados, a mensagem da Palavra de Deus deve ser dada a eles, geralmente em termos básicos concentrando pontos gerais (como, por exemplo, Paulo fez em Atenas: Atos 17:30,31). Se não há nenhuma

resposta positiva a tal ensino, então deve-se explicar com mais detalhes, de uma maneira compreensiva. Mas se eles permanecem obstinados e não há nenhuma esperança real de vencê-los, deve-se simplesmente deixá-los de lado (Pv. 9:8; Mt. 7:6; At. 19:9).

2. Aqueles que são ensináveis, porém ignorantes. Devemos instruir tais pessoas por meio de um catecismo (cf. Lucas 1:2; Atos 18:25, 26). Um catecismo é uma breve explanação dos ensinamentos fundamentais da fé cristã dados em forma de perguntas e respostas. Isto ajuda tanto o entendimento quanto a memória. O conteúdo de um catecismo, portanto, deve ser os fundamentos da fé cristã, um sumário de seus princípios básicos (Hb. 5:12).

Um princípio da fé é uma verdade bíblica que está direta e imediatamente ligada tanto à salvação dos homens como à glória de Deus. Se esse princípio é condenado e rejeitado, não temos base para esperar por salvação. Há seis desses princípios: arrependimento, fé, batismo (isto é, os sacramentos), a imposição de mãos (que é sinédoque para o ministério da Palavra), a ressurreição, e o juízo final (Hb. 6:1-3).

O que distingue um catecismo é a maneira como ele trata os pontos elementares ou fundamentais diretamente por meio de pergunta e resposta (Atos 8:37; 1Pe. 3:21). Como diz Tertuliano: "A alma não é purificada pelo lavar, mas pelo responder."

Aqui é importante reconhecer a diferença entre "leite" e "alimento forte". Essas categorias referem-se à mesma verdade; a diferença entre elas reside na maneira e no estilo do ensino. "Leite" é uma explanação breve, clara e geral dos princípios da fé: que nós devemos crer em um Deus que é uno, em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo; que nós devemos confiar tão-somente na graça de Deus em Cristo; que nós devemos crer no perdão dos pecadores; e então devemos ensinar que devemos nos arrepender, nos abster do mal e fazer o bem.

"Alimento forte", por outro lado, é uma exposição detalhada, completa, esclarecedora e compreensível da doutrina da fé. Isso inclui cuidadosa e lúcida exposição do ensino bíblico de temas tais como: a condição do homem antes da queda, a queda, pecado original e atual, culpa humana, livre-arbítrio; os mistérios da Trindade, as duas naturezas de Cristo, sua

união em uma pessoa, o ofício de Cristo como Mediador, a imputação da justiça; fé, graça, e o uso da lei. “Leite” é para os que são bebês, isto é, aqueles que são imaturos ou débeis no conhecimento; “alimento forte” deve ser dado àqueles que são mais maduros, isto é, aqueles que estão mais bem instruídos (1Co. 3:1,2; Hb. 5:13).

3. Aqueles que tem conhecimento, mas nunca se humilharam. Aqui precisamos ver a base do arrependimento suscitada naquilo que Paulo chama de contristar-se (2Co. 7:8-10). Contristar-se é afligir-se por conta do pecado simplesmente porque ele é pecado. É necessário que o ministério da lei suscite este sentimento. Isto pode fazer nascer um senso real de contrição no coração, ou terror na consciência. Conquanto não seja saudável e útil em si mesmo, isto providencia o remédio necessário para subjugar a teimosia pecaminosa, e para preparar a mente para tornar-se ensinável.

Para despertar esta tristeza legítima é apropriado usar algumas partes escolhidas da lei, que podem reprovar qualquer pecado evidente naqueles que ainda não se humilharam. A tristeza e o arrependimento para um dado pecado são, em substância, a tristeza e o arrependimento para todo pecado (Sl. 32:5; Atos 2:23, 8:22).

Além disso, se alguém que é afligido com a cruz e com tragédias exteriores tem somente um sofrimento mundano — isto é, se ele não lamenta o pecado *como pecado*, mas somente por conta da punição do pecado — ele não pode receber conforto imediato. Tal tristeza deve primeiro ser transformada em contristação. Pense sobre a analogia do curativo médico. Se a vida de um homem está em perigo por causa da quantidade de sangue que ele está perdendo de um nariz sangrando, seus médicos podem prescrever que o sangue seja tirado de seu braço, ou de algum outro local apropriado, a fim de estancar o fluxo de sangue de seu nariz. A intenção deles, evidentemente, é salvar alguém que corre risco de morte.

Então deixe o evangelho ser pregado de tal maneira que o Espírito Santo efetivamente opere a salvação. Pois na renovação dos homens a fim de que possam começar a desejar e fazer aquilo que é agradável a Deus, o Espírito

produz neles, real e verdadeiramente, contristação e arrependimento para a salvação.

Ao coração endurecido a lei deve ser intensiva, e sua maldição claramente declarada junto com suas ameaças. A dificuldade de obter libertação até que o povo tenha o coração em migalhas também deve ser ensinada (Mt. 3:7; 19:16, 17; 23:13, 33). Mas quando o início da genuína tristeza surgir eles devem ser confortados com o evangelho.

4. Aqueles que já estão humilhados. Aqui nós devemos cuidadosamente considerar se a humilhação ocorrida é completa e sã ou se apenas começou e é ainda rasa ou superficial. É importante que o povo não receba conforto antes da hora apropriada. Se isso acontece eles podem depois tornarem-se endurecidos da mesma forma que o ferro lançado ao fogo torna-se excepcionalmente duro ao esfriar.

Aqui vão algumas diretrizes para proceder com aqueles que estão parcialmente humilhados. Exponha cuidadosamente a lei a eles, temperada com o evangelho, para que sendo terrificados por seus pecados e o pelo juízo de Deus eles possam ao mesmo tempo buscar conforto no evangelho (Gn. 3:9-15; 2Sm. 12; Atos 8:20-23). Natã nos dá um exemplo aqui. Tendo sido enviado por Deus, ele trouxe Davi para exame de sua verdadeira condição por meio de uma parábola, e então pronunciou a ele o perdão quando seu arrependimento se confirmou.

Deste modo a fé e o arrependimento e os confortos do evangelho devem ser ensinados e oferecidos àqueles que foram totalmente humilhados (Mt. 9:13; Lucas 4:18; Atos 2:37, 38).

5. Aqueles que já crêem. Nós devemos ensiná-los:

(i) O evangelho: o ensino bíblico sobre justificação, santificação e perseverança.

(ii) A lei: porém como ela se aplica àqueles que não permanecem debaixo de sua maldição, de modo que possam ser ensinados como produzir o fruto de uma nova obediência de acordo com seu arrependimento (Rm. 8:1; 1Tm. 1:9). Aqui o ensino de Paulo em Romanos serve como modelo.

(iii) Embora aqueles que são justos e santos aos olhos de Deus não devam ser ameaçados com as maldições da lei, a oposição da lei ao pecado que permanece neles ainda deve ser enfatizada. Como um pai deve mostrar a seus filhos que ele irá exercer a punição com o objetivo de induzi-los a um senso apropriado do temor pelo erro, assim a meditação sobre a maldição da lei deve ser freqüentemente encorajada nos verdadeiros crentes, para desencorajar o abuso sobre a misericórdia de Deus numa vida de pecado, e aumentar a humildade. Nossa santificação tanto é parcial como completa. Para que os restos de pecado possam ser destruídos nós devemos sempre começar meditando sobre a lei, e com um senso de nosso próprio pecado, a fim de sermos trazidos ao descanso no evangelho.

6. Aqueles que se desviaram. Alguns podem ter se apartado parcialmente do estado de graça, seja na fé ou em seu estilo de vida.

Fracassar na fé é fracassar tanto no conhecimento da doutrina do evangelho como no conhecimento de Cristo.

Fracassar no conhecimento envolve debandar para o erro, em uma doutrina fundamental ou secundária.

Nessa situação, a doutrina específica que age contra este erro deve ser exposta e ensinada. Nós precisamos enfatizar a eles sua importância, juntamente com a doutrina do arrependimento. Mas devemos fazer isto com uma afeição fraternal, como Paulo disse em Gálatas 6:1 (cf. 2Tm. 2:25).

Uma queda da apreensão de Cristo conduz ao desespero. Buscando a restauração, nós devemos diagnosticar sua condição e então prescrever o remédio. Devemos analisar tanto a causa de sua tentação quanto de sua condição. O diagnóstico da causa pode ser feito apropriadamente por meio de confissão privada (cf. Tiago 5:17). Mas para prevenir que tal confissão se torne em um instrumento de tortura ela deve se reger por estes princípios:

(i) Ela deve ser feita livremente e não sob qualquer constrangimento. A salvação não depende dela.

(ii) Ela não deve ser uma confissão de todos os pecados, mas somente daqueles que consomem a consciência e podem conduzir à grande perigo espiritual se não forem tratados.

(iii) Tal confissão deve principalmente ser feita a pastores, mas com o entendimento de que ela pode ser confidencialmente compartilhada com outro homem de confiança na igreja.

O diagnóstico da situação espiritual de uma pessoa envolve investigação se ela está sobre a lei ou sobre a graça. Para esclarecer isto nós devemos sondar e perguntar para descobrir dela se ela está descontente consigo mesma, porque ela está descontente com Deus. Ela odeia o pecado *como pecado*? Este é o fundamento do arrependimento que traz a salvação. Então, em segundo lugar nós devemos perguntar se ela tem ou sente em seu coração o desejo de ser reconciliada com Deus. Esta é a base para uma vida de fé.

Quando o diagnóstico está completo, o remédio deve ser prescrito e aplicado do evangelho. Isto acontece de duas maneiras.

Primeiramente, várias verdades do evangelho devem ser explanadas e freqüentemente impressas sobre eles, incluindo:

(i) Que seus pecados estão perdoados.

(ii) Que as promessas da graça são feitas genericamente a todos que crêem. Elas não são feitas a indivíduos específicos; portanto não excluem ninguém.

(iii) Que a vontade de crer é em si mesma fé (Sl. 145:19; Ap. 21:6).

(iv) Que o pecado não anula a graça mas, ao invés disso, (uma vez que Deus torna todas as coisas para o bem dos seus) pode conduzir a futuras demonstrações dela.

(v) Que neste mundo caído e pecaminoso todas as obras de Deus são feitas por meios que são contrários a ele!

Em segundo lugar, eles devem ser encorajados, na amargura da tentação, a elevar a fé que tem estado inativa — porém coberta por cima como estava. Eles devem tranquilizar-se com o fato de que seus pecados estão perdoados. E devem ser encorajados a lutar vigorosamente em oração,

quer sozinhos ou com outros, contra o senso carnal e a esperança humana. Devem ser exortados com grande seriedade a fim de tornarem-se capazes de fazer estas coisas; até mesmo os que estão mais renitentes devem de alguma forma ser constrangidos a proceder assim (veja Salmo 77:1, 2; 130:1, 2; Rm. 4:18).

Para que tais remédios possam solucionar o problema, o poder ministerial de “ligar e desligar” deve ser usado da maneira prescrita nas Escrituras (2Sm. 12:13; 2Co. 5:20). Se qualquer ocasião de apatia perturba a mente do indivíduo, então o remédio para isto deve ser buscado em privado.

O fracasso no estilo de vida ocorre quando um cristão comete um pecado real, como no caso da embriaguez de Noé, o adultério de Davi, a negação de Pedro e exemplos similares. A força e a disposição da graça abrigada pode ser perdida por um tempo em termos tanto do senso e da experiência de seu poder. A lei deve ser exposta junto com o evangelho àqueles que tem assim caído. Cada novo ato de pecado requer um novo ato de fé e arrependimento (Is. 1:4; 16, 18).

7. Igrejas com crentes e descrentes. Esta é a situação típica de nossas congregações. Qualquer doutrina pode ser exposta a eles, quer da lei ou do evangelho, desde que suas limitações bíblicas e circunstanciais sejam observadas (veja João 7:37). Era isto o que os profetas faziam em seus sermões, quando anunciavam o julgamento e destruição do perverso, e prometiam libertação no Messias aos que se arrependessem.

Mas e se alguém na congregação se desespera, enquanto o resto está endurecido? O que deve ser feito? A resposta é: àqueles que estão endurecidos deve-se fazer ouvir a lei dentro dos limites das pessoas e dos pecados em vista. Mas a consciência aflita deve ser ajudada a ouvir a voz do evangelho aplicada especialmente a ela.

Tradução: Márcio Santana Sobrinho
Extraído de: *The Art of Prophecy*, p.54-63.